



Editorial

Configurações em distintas concepções

Configuraciones en distintas concepciones

Configurations in different concepts

Maria Cecília França Lourenço

Professora Titular Sênior. FAU – USP, SP BRA revistaarafau@usp.br

Resumo

Este Editorial da *Revista ARA*, do Grupo Museu/Patrimônio – GMP da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo FAU-USP, com satisfação, expõe a quinta edição, subordinada ao tema “Configurações: entre limites e indeterminação”. O texto de “Apresentação”, elaborado pelo Prof. Dr. Celso Favaretto, em sua trama trouxe reflexões conceituais, a desafiar a criação, tanto textuais quanto visuais, em variadas latitudes. Cumpre-se, assim, papel ambicionado, em sonho coletivo, tanto dos membros do GMP e do Conselho Editorial quanto de colaboradores e pareceristas. Efetiva-se a intenção em se debater temas e indagações sobre a cultura contemporânea. Afinal, o que amanhã nos representará?

Palavras-Chave: Configurações. Limites. Indeterminação. Editorial. Admiração.

Resumen

Este Editorial de la revista *ARA* del Grupo Museo/Património – GMP de la Facultad de arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo FAU – USP con satisfacción expone la quinta edición, el tema "Configuraciones: entre límites y la indeterminación". El texto de "Presentación", preparado por Prof. Dr. Celso Favaretto, en su parcela traído reflexiones conceptuales, para desafiar el establecimiento, tanto como Visual, textual diferentes latitudes. Debemos codiciado papel, en un sueño colectivo, ambos miembros del GMP y el Consejo Editorial, colaboradores y revisores. Es la intención de discutir temas y preguntas sobre la cultura contemporánea. Después de todo, ¿qué será mañana?

Palabras clave: Configuraciones. Límites. Indeterminación. Editorial. Admiración.

Abstract

This Editorial of the magazine *ARA* group's Museum/Heritage –GMP from the Faculty of architecture and urbanism of the University of São Paulo FAU – USP with satisfaction exposes the Fifth Edition, the theme "Configurations: between limits and indeterminacy". The text of "presentation", prepared by Prof. Dr. Celso Favaretto, on your plot brought conceptual reflections, to challenge the establishment, both as Visual, textual various latitudes. We must coveted role, in a collective dream, both members of the GMP and the Editorial Board, as collaborators and reviewers. It is the intention in discussing themes and questions about contemporary culture. After all, what will be tomorrow?

Keywords: Configurations. Limits. Indeterminacy. Editorial. Admiration.

INTRODUÇÃO

Ad-mirar e ad-miração não têm aqui sua significação usual. Ad-mirar é objetivar um “não-eu”. [...] implica pôr-se em face do “não-eu”, curiosamente, para compreendê-lo. [...] Mas se o ato de conhecer é um processo [...] ao buscar conhecer ad-miramos não apenas o objeto, mas também a nossa ad-miração anterior do mesmo objeto. Freire, 1982, p.53.

O eminente pensador brasileiro Paulo Freire (1921-97) assinala que a palavra “admirar” implica em se “ir na direção de algo”, na parte inicial da epígrafe acima. A afirmação baseia-se na origem etimológica, dada a presença da preposição latino *ad* associada ao verbo *mirar*. *Ad* liga-se a: “apontar para” ou “tomar como alvo”; reforça assim o verbo *mirar*. Este gera *mirus*, “digno de intrigar-se” e se desdobra em vários outros termos, a citar, admirável, milagre, miragem, maravilhar-se, enfim – reconhecer algo como não usual e bizarro, positivamente ou não.

Na parte final, o educador acrescenta ideia também singular para se refletir sobre o conjunto aqui reunido, neste número 5 da *Revista ARA*. Acena, então,

para outra das razões a levar a esse movimento para um “não eu”, em seu dizer, o desejo e intenção em conhecer dada alteridade, antes já constatada. Acrescento, reconhecer algo, com certo estranhamento. O olhar reflexivo para a cultura instalada, seja nas manifestações sensíveis, ou arte para simplificar, seja no cotidiano entre nós e em muitas partes, vem gerando perturbação, muito bem registrada nos estudos.

O trecho da referida epígrafe se insere em “Ação cultural para liberdade e outros escritos”, e data o original de uma palestra realizada em 1969, ano nefasto da história do país. A antologia de ensaios de Freire, criador de um método soberbo para se alfabetizar crianças e adultos, ao ser publicada na década seguinte, 1978, parece que almejaria, então, transformações em nação, educação e ações, em que o foco seria compartilhamento, distinto do então vivenciado, em que dominavam dissimulação e perseguição à alteridade.

Decorridos 40 anos, o país confronta-se com episódios assombrosos, desde a esfera educacional a museológica, como busquei documentar no texto-luto, postado no Site do Grupo Museu/Patrimônio FAU –USP, sob o título “Quem queimou? 200 anos de história”, acerca do doloroso episódio relativo ao incêndio do Museu Nacional. Vive-se período eleitoral grave e não se aventa fato isolado para tanta perplexidade, porquanto, já há seis meses, o Conselho Editorial propôs o tema desta edição, com gravidade exigida neste ano.

Como nas edições anteriores, os estudos iniciais compõem o Dossiê do Grupo Museu/Patrimônio em que se busca debater questões, dentro de inquietações e investigações de cada um de seus integrantes, em consonância aos mesmos temas e procedimentos propostos para Submissão, em atuação típica na chave extensionista. Ficando em Freire, extensão nesta acepção não se reduz a ato paternalista ou protecionista e, desta forma, evade-se de ação direcionada a meramente estender, persuadir, transferir, dominar, revelar um que fazer ou messianismo, mas sim, se emprega como postura educador-educando e vice-versa, como se observa em “Extensão ou comunicação?” (1977, p. 23).

MUSEUS DE GRANDES NOVIDADES

“Eu vejo o futuro repetir o passado eu vejo um museu de grandes novidades [...]” Cazuza e Arnaldo Brandão

O acervo textual e visual, aqui reunido como um museu crítico destes tempos, dialoga com *ad-miração*, seguindo Freire. Manifesta-se por objetos de pesquisa que residem em grande parte na esfera do “não-eu”, a demandar conhecer, por meio de palavras e imagens, e em algumas direções, entre as quais: mirar com maravilhamento ou perturbação fatos da época presente, cotejados a um antes, assemelhado ou diverso, mas ainda a merecer problematizações; em outros, constata-se certo *ad-mirar* em que se divide o processo para trazer formas expressivas caras ao fazer sensível por imagens, algo intrínseco ao proposto pela *Revista ARA*; e ainda, espanto aterrador por se constatar retorno de valores desastrosos do passado militarizado entre nós e em outros territórios, saldo de anos de versões róseas do então vivido.

Ad-mirar para parte de autoras e autores aqui reunidos direciona a um “não-eu”, que no lugar de ser rejeitado, carrega esperança e veios distintos. De um lado o sentido afirmativo, como se reconhece no estudo “Do cosmos ao chão: modernidade e pós-modernidade na crítica de Mário Pedrosa”, cuja autoria se encontra conjugada a Carolina Serra Azul e Renan Nuernberger. Versa sobre a significativa contribuição desse autor, apropriada ao presente do país e em outros, por ser “atemporal”, em face de assuntos então trazidos, a mencionar “forma artística e matéria social”, como bem analisam Serra Azul e Nuernberger.

Tal *ad-mirar* na proposição freireana pode se dar por profunda decepção, bem desenvolvido no texto de Regina Lara Silveira Mello, “A tragédia do Paissandu, entre o perene e o efêmero”, ao abordar o incêndio no edifício Wilton Paes de Almeida, destruído, e que atingiu a Igreja Evangélica Martin Luther. Vitimou pessoas, desalojou cidadãos em estado de ocupação no centro paulistano e trouxe abaixo vitrais da Casa Conrado. Restauradora na área vítrea, Lara

compusera a equipe encarregada de efetuar trabalho na referida igreja e o artigo revela essa *ad-miração* avizinhada entre um eu e um “não-eu”.

Estudos distintos acerca de fatos atuais antes vividos, nesta época de espetáculo dissimulador e indústria de recreação, perpassam vários outros entre as pesquisas e cito as de Naiene Sanchez Silva, Anna Maria Abrão Khoury Rahme, Márcia Sandoval Gregori e Amanda Sabba Ruggiero. Em especial na América Latina, pós-ditaduras, torna-se realmente abissal a tentativa em se reviver e alavancar ideologias conservadoras e caóticas.

Silva, na investigação selecionada para a *Revista ARA*, trabalha com indeterminações em “A procura de imagens de resistência”. Indaga sobre os valores constitutivos, característicos da cultura, relacionando-os à probabilidade de emergirem tais imagens aludidas no título. Chama a atenção para a vinculação de imagens ligadas ao mercado financeiro, condições restritivas na política e na chamada indústria do entretenimento, montada para distração e escapismo, ao defender outras vertentes, sendo a autora circundada por significativos filósofos.

Em “Configurações paulistas: operando a saga bandeirante”, Rahme aborda o papel da figura do Bandeirante no imaginário paulista, dando continuidade ao que bem interpretou de forma crítica e inédita, no doutorado, com enfoque no estudo acerca do Mausoléu no Ibirapuera, SP, relativo ao Movimento Constitucionalista de 1932. Gregori e Ruggiero, em “Palimpsesto auri-verde”, analisam a instalação de bandeira nacional em viadutos e vias de ligação, ocorrida recentemente, no período da Copa do Mundo, a embaralhar símbolo unificador, espaço urbano, esporte, política e aspectos de natureza social. Com razão despontaram problemas quanto ao uso do espaço público e requereu interferência direta de órgão preservacionista.

Ad-mirar assume também relevo singular no artigo de Maíra Vaz Valente, sob o título “Situações para uma historiografia da performance arte no Brasil”, em que elabora conceito distinto na historiografia consagrada, a propósito de performance. Segundo defende a autora, antes de ocorrer em ações,

manifesta-se em textos antológicos, que seleciona, a saber, de criadores, Lygia Clark e Hélio Oiticica, a par de balanço empreendido por Frederico de Moraes. Aqui a palavra se antecipa ao que ainda não foi, sinalizando o futuro, a reiterar sua vitalidade e indiscutível importância.

Memória, fronteira e tempo, a reconfigurar valores de espaços internos, igualmente se localizam, nesta edição da *Revista ARA*. De um lado, o ensaio visual nos apresenta criações fotográficas sobre espaços interiores, realizadas por Ilana Bessler; de outro, há um estudo relativo ao espaço doméstico musealizado, em estudo de Paulo Eduardo Barbosa, “Casa-museu, escala e território”. Bessler, em “Paisagens internas”, proporciona reconfiguração de resíduos antes projetados, então ressignificados para esta edição, resultantes em imagens que tratam de narrativas visuais e fornecem elementos para se pensar o fazer e fruir a fotografia.

Barbosa também debate a uniformização que pretende dissimular identidades advindas de questões referentes ao local, regional, mundial e global, no texto “Casa-museu, escala e território”, objeto de estudo no doutorado e em prática profissional como arquiteto. Nesta oportunidade analisa o Museu Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo, MG, em que demarca posturas divergentes da reificação, não rara em outras instituições semelhantes. Ressaltável, do mesmo modo, por argumentar acerca da tríade identidade, globalização e território, fundamentado por autores, estudados nos Seminários do GMP.

Partilhar o fazer sensível se observa em várias investigações sobre o que “já não-é”, “ainda-não-foi” e “deseja-se-que-seja”, atuações características da contemporaneidade em vários suportes e fazeres: fotografia, bidimensionalidade, tridimensionalidade, arte pública e museologia, aqui estudadas. Constituem “leituras do mundo que, segundo Freire, “[...] precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (p. 11). Tal assertiva o filósofo registrou em “Importância do ato de ler: em três artigos que se completam” (2000). Vale reiterar que as primeiras leituras do mundo ocorrem por meio de imagens e

sentidos, antes das palavras e letras, em tese, habilitando o humano a melhor apreciá-los. Neste quesito se encontram pesquisas, como em Andressa Rezende Boel, Maria Teresa Kerr Saraiva e Mariana Espel de Oliveira.

Boel aborda ação coletiva e integrada, voltada à criação de um jardim que, pela prática, ensinou debater uma série de fatores para ela e aos que diretamente participaram em uma praça de Uberlândia, MG. Nesta época, tal ato ampliou o repertório para inúmeras formas cotidianas e sistemáticas, visando cuidar e valer-se de espaço público. Ao versar sobre natureza, um certo “não-eu” com que nos relacionamos de maneiras variadas, vai-se na direção de dar as costas ao isolamento e individualismo, com trocas singulares.

Saraiva divide com os leitores da *Revista ARA* seu processo na concepção de mural para Estação da Luz paulistana, próxima à Pinacoteca do Estado. Desde esboços e determinação do campo, seleção de formas, cromatismos e materiais, desvela alterações, achados, desvios e todo o processo conceutivo para completar uma obra, a sinalizar *ad-miração* pelo público em geral dessa Estação, entroncamento de uma série de linhas férreas e de metrô, um aceno gentil e acolhedor aos que chegam e circulam pelo local.

Oliveira concebe algo muito expressivo para fruição de parte privada da visão, de modo a ensinar experienciar, por meio de sensações e emoções, antes vividas pelos que detêm tal sentido. Projetou modelo tridimensional para uma criação também singular, logo, admirável: Poesia Concreta. Explicitou modelos 3D, valendo-se de recursos tecnológicos na concepção e na produção. Assim preocupa-se em ampliar o universo para outros públicos e, não apenas, acionar tecnologia para diversão e lazer escapistas.

Por outro lado, procurei abordar aspecto museico com foco na revisão de passado dissimulado e silenciado, no texto “Museus: riscos e riscas”. Neste momento pareceu-me cabível refletir sobre o trato de indeterminações obscuras, com desejo de que em nosso país vicejem ares distintos para se pensar o futuro, sem dar as costas ao passado. Ao se cotejar iniciativas no trato com eras lúgubres,

como as de período ditatorial ou colonialista. Em contraste, tentei pensar em ações dignas de apreciação ocorridas na Argentina e em Portugal.

Colocamo-nos em nossas diferenças, fricções e trocas, entendendo-as como ser-no-mundo, dentro de peculiaridades abalizadas, sejam políticas, formacionais, filosóficas e mesmo etárias, o que não impede de brotar *ad-miração*. Deseja-se ampliar o “não-ser”, até aquele que já fomos, querendo um presente e futuro melhor e para muitos. Assim, iniciamos em vários diálogos com a formação do Conselho Editorial, com colegas desta e de outras unidades, para se chegar a temas e decisões relativas às Submissões e aos pareceristas.

A *Revista ARA* recebeu contribuições, acolhidas ou não, esta sempre traz dissabor. O resultado permite ampliar questões documentadas na edição de número 5. Em nome do Grupo Museu/Patrimônio, deixo aqui o profundo agradecimento a todos que vêm se envolvendo com a *Revista ARA*, uma forma de resistir e criar, por imagens e palavras! Grata.

Ciça, início de Primavera 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freire, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1982 [1978].

----- Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977.

----- Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez; 2000 [1992].